



*Malan: defesa da estratégia de FHC de anunciar pacote depois da eleição*

# Resposta a Camdessus

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, explicou ontem que está concentrado em duas frentes de combate à crise: a internacional, acelerada depois da moratória da Rússia, e a doméstica, considerada por ele a mais importante. “É no front doméstico que se ganha ou se perdem batalhas”.

O ministro foi homenageado ontem com almoço promovido pela Associação e pelo Sindicato dos Bancos do Estado do Rio de Janeiro. Do evento participaram cerca de 450 pessoas entre empresários, banqueiros e políticos, como o governador do Rio, Anthony Garotinho.

Malan destacou que a decisão de atuar no plano doméstico — fazendo o ajuste fiscal — foi tomada no início de setembro do ano passado, antes, portanto, das eleições.

Foi uma resposta indireta à declaração feita na semana passada pelo diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus, que acusou o presidente Fernando Henrique Cardoso de não ter tomado medidas mais enérgicas por causa da eleição.

“Dez dias antes das eleições, o presidente Fernando Henrique Cardoso disse que, se reeleito fosse, faria um programa para estabi-

lizar e reduzir a relação dívida/PIB”, lembrou.

O ministro acrescentou que, só depois de elaborar o programa, o Brasil foi buscar apoio financeiro internacional. “A implementação deste programa, que é nosso, é fundamental para reduzir os juros reais e nominais”, disse Malan.

O ministro explicou que o acordo para a ajuda financeira internacional continua em vigor e não precisa ser rediscutido. Lembrou que do total de US\$ 41,5 bilhões, US\$ 37 bilhões serão utilizados até 31 de dezembro deste ano. Malan disse que a revisão do acordo com o FMI foi feita, apenas, para incluir os efeitos da mudança no regime cambial.

“A segunda tranche de US\$ 9 bilhões, deve estar liberada logo depois da reunião do board do FMI, na próxima segunda-feira”, previu.

Malan acrescentou, porém, que a jornada vai ser longa e árdua. “É uma maratona com obstáculos e não uma corrida de 100 metros rasos. O que tem que ser feito é a mudança do regime fiscal brasileiro: as reformas da Previdência, tributária, etc. Não podemos nos deixar iludir pelo canto da sereia, do otimismo nem do pessimismo”.